

“Em nome de Deus”: a produção da identidade feminina católica no período da ditadura militar em Florianópolis/SC¹

Cristiane de C. Ramos Abud, UDESC
nani.castro@bol.com.br

Nosso cotidiano é demarcado por relações de poder visíveis ou não, que atuam através de estratégias que nos impõem regras, transformando-se em dispositivos. Estes, por sua vez, atuam pelas práticas sociais, culturais e religiosas. A religião, por exemplo, também possui uma origem poética, paradisíaca, pois ela foi fabricada pelo poder da palavra, prega ascetes purificadoras dos corpos e das almas, baseadas na vigilância e na confissão das práticas e desejos corpóreos. Uma invenção poderosa, conflituosa e obscura, carregada de imagens poéticas e artísticas que disciplinam o corpo e a alma do sujeito. Enquanto construção social, a religião apresenta-se como um complexo sistema de trocas simbólicas na qual as desigualdades sociais e as identidades são negociadas cultural e socialmente, participando do universo de símbolos e significados que definem o seu teor e conceitos sacros².

É através das práticas culturais que os sujeitos instituem modos de compreender e representar a si mesmos e a sociedade em que vivem, com a produção de significados; como a linguagem e os objetos, que ao se apropriarem destes signos, atribuem valor aos seus sentimentos e ações, situando-se e sentindo-se pertencentes a um grupo³.

Segundo Foucault⁴, “os discursos não são combinações de palavras que representariam as coisas do mundo. Eles não são conjunto de signos, mas práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. Os significados que compõem os discursos só existem a partir do momento em que são enunciados, ou seja, o significado não existe antes de ser citado. Os discursos, por sua vez, mais que descrevem as coisas do mundo, fazem-nas existir. Eles criam e dão sentido para a realidade em que nos encontramos, é através dos discursos que materializamos as verdades da nossa cultura. O discurso dá vida, dá movimento, sentimento ao corpo social e também ao corpo físico.

Eles são, em sua materialidade, constituidores de sentidos, fabricantes de realidade, estão ligados à questão da constituição dos sujeitos, sendo estes efeitos discursivos. O que está em questão, portanto, é que as práticas de poder e os jogos de verdades são produzidos pelos discursos

¹ Este texto foi produzido a partir da pesquisa de mestrado intitulada “Corpos e(m) imagens na história: questões sobre as mulheres católicas do presente”, defendida em 2008 no PPGH/UDESC.

² BRANDÃO, Carlos R. Ser católico: dimensões brasileiras- um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião. In: SACHS, Viola. **Brasil & EUA: religião e identidade nacional**. RJ: Graal,1988. P.27-58.

³ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. RJ:DP&A,1997.

⁴ FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. RJ: Forense-Universitária,1987,p.56.

e colocados em funcionamento nas práticas institucionalizadas. Então, o sujeito aparece como resultado da articulação entre, de um lado, as práticas institucionalizadas que o captam e, de outro, as práticas discursivas que o posicionam, nomeiam, produzem, julgam, evocam, (des)qualificam, hierarquizam, enunciam e o orientam.

Compreender as relações de gênero como pertencentes aos discursos de ordem social, cultural e religiosa, permite, entender não somente a posição das mulheres, em particular, mas também a relação entre sexualidade e poder dos atores envolvidos, sejam eles masculinos ou femininos; onde gênero torna-se uma categoria histórica, com imagens e representações datadas e contextualizadas. No caso da religião, ela atua como instância legitimadora que naturaliza o sagrado como dotado de concepções de poder e de gênero, binários, hierárquicos e patriarcais na generificação dos sujeitos tidos como homens ou mulheres.

A Igreja, assim como outras instituições, possui regras e procedimentos estratégicos para manter e consolidar a organização e a identidade de um grupo social, seja através da determinação de valores morais, modos de ser e agir em torno de um “mercado lingüístico”⁵, que produz um tipo de sujeito e uniformização social, passando pelo corpo e pela alma de seus(suas) fiéis. É este discurso sacramental e do divino que a Igreja busca manter e ao mesmo tempo domesticar, através da constituição de símbolos e práticas pertencentes à esfera do religioso, que legitima relações de poder hierárquicas e tradicionais.

Objetos de veneração, comemorações, missas, doações, promessas, os(as) Santos(as), dentro da arte sacra, abrem espaço para o sagrado e o profano, com festas que misturam o colorido e a música, histórias de vida de entrega, sacrifícios, culpa, pecados e penitências; personagens dispostos em uma cena repleta de simbologia, misticismo e atributos terrenos. Sendo a figura do(a) Santo(a) um modelo guia, um sinal de Deus que merece honra e veneração⁶.

É através da devoção aos(as) santos(as), que a sociedade fala de si, desde as suas formas para converter e disciplinar os(as) escravos(as), unindo suas diferentes culturas e etnias, em nome da celebração, representada na arte barroca, onde, “um ideal moral, religioso e poético ganha expressão estética entre a vida comum e a arte”⁷.

As representações artísticas dos(as) santos(as) transitam entre a arquitetura da cidade e a intimidade dos quartos e salas das casas, controlando espaços públicos e privados do(a) fiel, sua

⁵ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. RJ: Bertrand Brasil, 1989.

⁶ BEINERT, Wolfgang. **O culto aos santos hoje**: estudo teológico-pastoral. SP: Ed. Paulinas, 1990, p.22.

⁷ MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCWARCZ, Lilia(org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes de intimidade.v.4.SP:Cia das Letras, 1998.p.104.

moral, conduta e costumes em nome da virtude, da fé e da modernidade em toda a sociedade da época, como na Província de Sarmiento:

O espírito de inovação de minhas irmãs atacou em seguida aqueles objetos sagrados. (...) Aqueles dois Santos, tão grandes, tão velhos: Santo Domingo, San Vicente Ferrer, enfeitavam decididamente a parede. Se minha mãe permitiu que os retirassem e fossem postos em um dormitório, a casinha tomava um novo aspecto de modernidade e de elegância refinada, porque era sob a sedutora forma de bom gosto que se introduzia em casa a moda do século XVIII⁸.

A ornamentação dos(as) Santos(as) dentro do espaço do lar também seguia regras de etiqueta, como o local mais apropriado do oratório, do altar, a disposição dos quadros com imagens de santos(as), o que conferia aos(as) seus(suas) moradores(as) bom gosto e modernidade.

Em Santa Catarina, a partir do século XVIII, a devoção aos(as) santos(as) decorava oratórios nas famílias burguesas e, nas menos favorecidas, a imagem do(a) santo(a) era exposta na parede da casa⁹. Este ritual simbólico também se expande às casas e demais instituições, afirmando uma relação discursiva de poder entre o Estado nacionalista, por exemplo, e a Igreja; como cruzeiros em escolas e nas paredes das casas, a Bíblia aberta com imagens de santos(as) ao seu redor em altares nas casas etc. Este cidadão católico é forjado dentro de um ideal, a partir de 1930, no Brasil, de sujeito trabalhador, saudável, honesto e crente a um Deus.

Até hoje, esta prática pode ser evidenciada como nos depoimentos das mulheres entrevistadas no interior da Catedral Metropolitana de Florianópolis entre 2007 à 2008¹⁰: *Sempre fomos muito católicos, na casa de meus pais tinha uma Bíblia sobre a mesa da sala e na minha, hoje, ainda tenho a mesma Bíblia.* (A.C.65 anos);

Tenho algumas imagens de santas em casa, mais gosto de vê-las aqui na Igreja mais de perto e poder tocar nelas. (A.R..62 anos);

Sou muito devota, tenho santinhas em casa em um pequeno oratório na cabeceira da cama.(R.F.70 anos).

A afirmação “sempre fomos católicos” também possibilita que analisemos a questão do pertencimento, que dá pistas do que não se é. Só se pode dizer o que se é a partir do que não se é; esta mulher não é, então, espírita, crente etc. Identidade e diferença se constroem em um processo conjunto, pois acabamos tomando a norma pela qual nos descrevemos por aquilo que não somos, tanto a identidade como a diferença são construídas culturalmente.

⁸ SARMIENTO, Domingos. **Recuerdos de província**. Buenos Aires: Centro Editor da América Latina,1979,p.136-137.

⁹ SERPA, Élio C. **Igreja e poder em Santa Catarina**. Florianópolis. Editora da UFSC,1997.

¹⁰ As entrevistas foram realizadas através de questionários com perguntas respondidas por escrito pelas entrevistadas e autorizadas pelas mesmas.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

Segundo os relatos dessas mulheres sobre os motivos que as levaram a frequentar a Igreja Católica, podemos traçar relações com a imagem da mulher em difundir os ensinamentos cristãos, principalmente no período da Ditadura militar no Brasil:

Eu frequento a igreja desde pequena, minha mãe me trazia(L.A.F.47 anos);

Frequento a igreja há mais de 30 anos, minha filha também seguirá meu exemplo(O.R.55 anos.);

Sempre quando posso, trago minha neta, ela adora a missa(P.M.65 anos).

Minha mãe rezava todos os dias, agora eu faço as preces por ela(L.M 47 anos.).

A boa mãe, educadora, responsável pelos ensinamentos da moral cristã da imagem, reflete-se nas palavras das mulheres, desde o século XVIII onde o papel da mãe letrada era o de ensinar a filha a se portar, vestir, falar e a dominar os afazeres domésticos para um bom casamento,

[...]a maternidade também comportava a necessidade de inculcar certos valores morais de comportamento. (...)Uma filha era o que a mãe fazia dela. (...)Uma mulher virtuosa, como alguém que imprimia à filha as virtudes da castidade, da limpeza e da sobriedade, ficaria consideravelmente mais bem colocada nesta escala de valores ¹¹.

O espaço privado do lar passou a ser alvo do exercício do poder da Igreja, como o matrimônio, a procriação para garantir a união do casal e a benção divina. Assim, a mulher em sua casa, passa a cumprir o papel de mãe e fiel ensinando às filhas mulheres e a família a rezar e a manterem-se recatadas.

A Igreja Católica soube bem aproveitar o discurso da mãe educadora e zelosa para difundir seus preceitos cristãos:

Conheço muitas donzelas que desejam consagrarem-se a Deus na virgindade, mas as suas mães nem as deixam sair de casa para me ouvirem. Se as vossas filhas quisessem amar um homem, pelas leis poderiam escolher quem lhes aprovasse. E aquelas que podem escolher um homem, não poderão escolher a Deus? ¹².

A família, representada pela mulher, cumpriu seu papel de bom comportamento cristão, modelo que também tinha receptividade sobre os homens. Ciente disto, a Igreja cedeu às mulheres um espaço nas igrejas, seja zelando pelo local ou realizando orações e cantos durante as celebrações, como nos depoimentos das entrevistadas: *Sempre ajudei na igreja, desde moça. Atendo aqui há muitos anos, meu marido ia trabalhar e eu vinha ajudar o Frei aqui, cuidar dos livros, dos santos, sempre gostei.* (G.K.68 anos);

¹¹ PERROT, M. **História das mulheres no Ocidente**. Do renascimento a Idade Média. Vol.3. Portugal: Afrontamento, 1991,p.63.

¹² CARTA ENCÍCLICA DO PAPA PIO XII. **Sacra Virginitas**. Roma,1954p.17.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

Hoje eu ensino meus netos a rezarem a e a agradecerem a Deus antes de dormir. (A.C.65 anos);

Faço parte das vigílias e no outro turno ajudo na entrada da Igreja, distribuo os livros da celebração. (A.R.62 anos).

Percebe-se, através destes depoimentos, a atuação da Igreja Católica na produção de valores, condutas e práticas sociais nos sujeitos, através de seu discurso normalizador, de cunho político, estreitando a relação entre Estado e Igreja. A grande tônica desse discurso estava voltada para a importância da atuação da mulher para a construção e a manutenção da sagrada família.

Um exemplo disto foi a vinculação da imagem do padre Patrick Peyton irlandês, conhecido como padre das estrelas nos EUA e que promoveu no Brasil a Cruzada pelo Rosário da Família, difundindo o uso do rosário pelas mulheres da elite, representando que a família unida é aquela que reza e permanece unida. Grupos de mulheres no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais formaram a União Cívica Feminina, a Campanha da Mulher pela Democracia, em apoio aos golpistas militares¹³. Essas mesmas mulheres, que se entregaram aos interesses de uma classe social, posteriormente, tiveram seus filhos desaparecidos por este mesmo governo.

Suas memórias puderam ser evidenciadas pelas roupas que usavam, pelos terços e crucifixos que carregavam, pelas suas falas, desejos, histórias de família e fé; tornando-as sujeitos de uma história e de um tempo, pois, “na lembrança, as mulheres são em suma as porta-vozes da vida privada”¹⁴, produzindo identidades, rastros e símbolos que não se apagaram.

Não podemos esquecer que, durante o período da ditadura militar no Brasil, também membros da própria Igreja Católica, assim como o movimento de mulheres se organizaram contra esse governo, o que torna esse tema rico em análises e interpretações.

¹³ Virtuália. **Igreja Católica e a Ditadura Militar**. 16/12/2008.p.3. Disponível em <http://www.ptshot.com>.

¹⁴ PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. In: **Revista Brasileira de História**. SP, VOL.9, N.18,ago89/set 89.p.9-18.